# SERVIÇOS ESTRATÉGICOS NA REGIÃO METROPOLITANA DE SALVADOR

Paulo Henrique de Almeida*
Luciano Damasceno**

O sistema urbano brasileiro é polarizado por duas metrópoles globais, que são ainda os portais de entrada (*gateway cities*) do país: São Paulo e Rio de Janeiro. No degrau abaixo da hierarquia urbana nacional estão sete metrópoles nacionais. Na região Sul, Porto Alegre e Curitiba. No Sudeste, Belo Horizonte. No Centro-oeste, Brasília. Finalmente, no Nordeste, Fortaleza, Recife e Salvador. Estas metrópoles são megacidades segundo os padrões internacionais. As populações de suas regiões metropolitanas variavam, em 2003, de 3 milhões de habitantes (Curitiba) a 4,6 milhões (Belo Horizonte).

Segundo o IBGE, com quase 2,6 milhões de habitantes em 2003, Salvador é a terceira cidade mais populosa do país. Cresce a taxa de 1,75% ao ano: mais rápido que Recife e Belo Horizonte, mas a uma velocidade inferior a de Fortaleza e Brasília. A capital da Bahia comanda a sétima mais populosa região metropolitana do Brasil, a RMS, com quase 3,2 milhões de habitantes.

Não existem dados recentes e precisos sobre o tamanho do PIB da RMS. Estimativas com base em dados censitários, realizadas pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), fixaram o PIB da RMS em cerca de 17 bilhões de dólares em 1996, à taxa cambial de 1998 - vale dizer 5,9 bilhões de dólares ao câmbio de 2004. A RMS era, de acordo com tais cálculos, a sétima região metropolitana do país e a primeira do Nordeste em termos de criação de valor (ANDRADE; SERRA, 1999).

Estimativas para 1998 indicam um PIB soteropolitano de US$ 13,6 bilhões e um PIB de US$ 20 bilhões para a RMS, correspondendo, respectivamente, ao câmbio atual a US$ 4,6 e US$ 6,9 bilhões (VERGOLINO, 2001[?]; ALBUQUERQUE, 2002). Estes valores também colocam Salvador e sua região metropolitana bem distante das duas outras mais importantes metrópoles nordestinas, Recife (com US$ 2,9 bilhões e US$ 4,9 bilhões para a RMR) e Fortaleza (com US$ 3,3 bilhões e US$ 3,9 bilhões para a RMF).

* Professor Adjunto da Faculdade de Ciências Econômicas da UFBA, Doutor em Economia pela Universidade de Paris X – Nanterre. phalm@ufba.br
**Economista, mestrando em Economia pela UFBA. lds@ufba.br

As mais recentes estimativas realizadas pela SEI, com base no rateio do PIB estadual, apontam para um produto soteropolitano de 9,9 bilhões de reais e um produto metropolitano de 20,8 bilhões de reais.[1] Ao câmbio atual, isso corresponderia a cerca de US$ 3,4 bilhões e US$ 7,2 bilhões, com Salvador respondendo por 22,4% do PIB baiano e a RMS por 46,8%.

Note-se que todas estas estimativas, que confirmam Salvador e sua região metropolitana como um dos principais pólos econômicos do país e a mais importante economia metropolitana do Nordeste, estão significativamente subestimadas, principalmente porque ainda não incorporam o impacto direto e indireto sobre o PIB regional da Ford em Camaçari.

É claro que a importância do produto da RMS em termos nacionais (cerca de 2% do PIB brasileiro) e, sobretudo, em termos regionais (maior PIB metropolitano do Nordeste), deve ser relativizada em face da extrema desigualdade sócio-econômica que caracteriza Salvador e sua região metropolitana. Como sublinham Diniz e Arraes (2003), com base em dados da Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios (PNAD), A RMS apresentava, em 2001, o segundo pior índice de desigualdade entre 10 das mais importantes regiões metropolitanas do país. Isso se traduzia, concretamente, em uma renda real média mensal de apenas 412,91 reais e numa distribuição de renda na qual os 15% mais ricos da população se apropriavam de 59,4% dos rendimentos, enquanto os 20% mais pobres ficavam com apenas 5,5%.

Apesar dessa desigualdade e independentemente dos níveis de renda médios per capita, que são baixos numa capital nordestina como Salvador, o tamanho absoluto da população, sua densidade e sua velocidade de crescimento (em torno de 1% ao ano nas próximas duas décadas), constituem por si só um indicador do seu potencial econômico. Grandes cidades constituem grandes mercados em primeiro lugar porque concentram população e criam assim condições para o desenvolvimento da chamada *economia de urbanização*: pequenas indústrias de alimentos, vestuário ou mobiliário residencial, comércio varejista, prestação de serviços pessoais, serviços de alimentação etc. A análise da estrutura econômica da RMS parece indicar um déficit considerável particularmente no que concerne às indústrias de bens de consumo finais leves. É possível que existam possibilidades inexploradas de substituição de importações regionais destes bens (e.g. confecções, mobiliário doméstico). Além disso, a economia de urbanização local continua a ser um poderoso fator de atração para investimentos de empresas de serviços nacionais e internacionais: cadeias de supermercados, franquias de varejo, redes de restaurantes *fast-food,* etc. (ALMEIDA, 2002).

Quando se trata de serviços estratégicos, os que importam, contudo, não são os *serviços de urbanização* destinados ao consumo final e à demanda local. O que interessa, estrategicamente, para a metrópole soteropolitana são três tipos de serviços:

[1] Disponível em: www.sei.ba.gov.br/pib/municipal/index.htm

- *Business services*, isto é, serviços de consumo intermediário que asseguram uma infra-estrutura capacitada a atrair e manter investimentos, entre os quais se destacam os serviços empresariais intensivos em conhecimento;
- Turismo de lazer e de negócios, incluindo dois dos seus segmentos mais dinâmicos – o turismo cultural e o de eventos;
- Serviços sociais de consumo coletivo, que podem ser crescentemente exportados para outras regiões da Bahia e mesmo para outros estados, notadamente nas áreas de educação (ensino superior) e saúde (pólo médico).

São esses os setores da nova economia de serviços que podem levar Salvador, que já é a maior metrópole do Nordeste, da condição de centro terciário para a situação de centro nacional exportador de serviços superiores, cultura e conhecimento; vale dizer, para a condição de uma economia metropolitana quaternária ou quinária, baseada na gestão e difusão da informação e na geração de conhecimento, que pode expandir sua área de hegemonia no Nordeste e mesmo sobre outras regiões do país.

Os ritmos de crescimento da população e do PIB de Salvador têm assegurado o aumento da distância que separa esta metrópole das capitais de menor porte no Nordeste brasileiro (exceção feita da dinâmica Fortaleza) e, sobretudo, dos centros urbanos de menor tamanho na Bahia. Deve-se notar, contudo, que Salvador concorre, na rede urbana nacional, direta e indiretamente com as quatro metrópoles regionais que têm apresentado maior dinamismo populacional e econômico. Estas metrópoles são capazes de disputar com a capital baiana não só a atração de empresas da nova onda *footloose* de empreendimentos industriais, mas também os investimentos em serviços e a localização de centros de decisão de organizações estatais, privadas e do terceiro setor.[2]

Brasília, sede administrativa do governo federal, cresceu, demograficamente, 2,64% ao ano entre 1991 e 2003, tem o maior PIB per capita do país e comanda uma região de desenvolvimento acelerado, que inclui Goiânia e outras cidades de Goiás e Minas Gerais. O eixo Brasília-Goiânia, além de ser importante pólo de serviços, concentra indústrias leves, sobretudo em segmentos agroindustriais que se apóiam numa moderna agropecuária mecanizada. Este pólo exerce considerável influência sobre os cerrados do Oeste, principal fronteira agroindustrial da Bahia. Ele já exporta serviços para os baianos da fronteira, como, por exemplo, saúde de maior complexidade.

As regiões metropolitanas de Curitiba e Belo Horizonte têm sido particularmente beneficiadas pelo processo de desconcentração espacial da indústria paulista. A proximidade dos mercados de São Paulo e do Rio de Janeiro, a infra-estrutura polarizada pelas duas

---

[2] O termo "*footloose*" (livre para ir para onde se quer) tem servido para caracterizar a indústria que atualmente se desloca em busca de menores custos salariais e incentivos fiscais. Esta indústria tem maior liberdade de localização graças ao avanço da terceirização e subcontratação de serviços, à redução do valor imobilizado em capital fixo e ao uso de mão-de-obra pouco qualificada, num contexto de queda dos custos de transporte e telecomunicação. É o caso típico da indústria calçadista que abandona o Rio Grande do Sul e São Paulo para se reinstalar na Bahia e no Ceará.

regiões (ferrovias, portos de Paranaguá e Vitória), custos urbanos mais baixos que os das duas metrópoles globais do país, além de outras vantagens comparativas, têm permitido taxas elevadas de expansão do PIB nestas duas metrópoles, mesmo nos anos de crise nacional das décadas de 1980 e 1990 (LEMOS; DINIZ, 2000). Curitiba está distante da Bahia, mas isto não impediu que ela disputasse com Salvador a localização da nova planta da Ford; a capital do Paraná se beneficia de um dos mais agressivos programas de incentivos fiscais do país, que atraiu parte das novas fábricas de automóveis do país para a sua região metropolitana (ARBIX, 2001). A centralidade de Belo Horizonte, a meio caminho entre o Nordeste e o pólo econômico do país, assegura uma influência crescente da metrópole mineira sobre as regiões sul e sudoeste da Bahia. De fato, esta influência não se materializa apenas na exportação de serviços de saúde e educação, mas se concretiza também através da intermediação do comércio atacadista mineiro, que abastece empresas baianas.

Na região nordestina, se Recife – a tradicional "adversária" de Salvador – parece conhecer relativa estagnação, tanto em termos populacionais quanto em termos de produto, Fortaleza, quinta maior capital e oitava região metropolitana, tem crescido aceleradamente. A competição desta metrópole com Salvador está longe de ser meramente hipotética. No contexto da "guerra fiscal", o Ceará vem disputando palmo a palmo com a Bahia a atração da indústria *footloose* leve que abandona o sul e o centro-sul do país. Ao mesmo tempo, Fortaleza, Natal e outras destinações nordestinas têm avançado significativamente na concorrência pelo turismo interno destinado ao Nordeste, antes polarizado quase que exclusivamente por Salvador e Porto Seguro (ALMEIDA, 2002). Diga-se ainda que a relativa estagnação de Recife contrasta com seu dinamismo, bem superior ao de Salvador, em setores estratégicos intensivos em conhecimento, como serviços de informática e saúde.[3]

A posição competitiva de Salvador é muito mais tranqüila no plano estadual. A RMS gera, como se sublinhou, quase 50% do PIB da Bahia. Dados da Secretaria Estadual da Fazenda para a arrecadação de tributos e taxas estaduais confirmam esta polarização econômica: a RMS responde por cerca de 75% da arrecadação do Estado da Bahia; Salvador, por mais de 35% (ALMEIDA, 2002).

A malha urbana da Bahia permanece desequilibrada em razão da pequena importância econômica e demográfica das cidades baianas de porte médio. Este fato se confirmou nos anos 1991-2000, quando das 11 cidades do Estado com população superior a 100 mil habitantes, duas, Feira de Santana e Vitória da Conquista, cresceram a taxas semelhantes à verificada na capital, e apenas cinco cresceram mais rapidamente – Barreiras, Camaçari, Lauro de Freitas, Juazeiro e Teixeira de Freitas. Deste conjunto de sete cidades médias que apresentaram algum dinamismo demográfico, duas, Camaçari e Lauro de Freitas, pertencem à RMS e uma, Feira de Santana, segunda cidade do Esta-

[3] Para uma análise comparativa da evolução econômica das três principais metrópoles do Nordeste e de suas respectivas áreas de influência, ver Metrópole Estratégica (2002).

do, com cerca de 500 mil habitantes, é quase satélite de Salvador, sobretudo no que diz respeito à dependência da oferta de serviços superiores: educação universitária, saúde de alta complexidade, etc. Além disso, é necessário frisar que o terceiro município baiano em termos demográficos, Vitória da Conquista, tem apenas 262 mil habitantes. Num Estado que praticamente não tem cidades de porte médio, a capital permanece na condição de metrópole absoluta.

Dado o relativamente baixo grau de urbanização da Bahia (67,12%, em 2000, segundo os elásticos critérios do IBGE), e em função da ausência de uma verdadeira malha de cidades médias, seria de se esperar um forte e continuado fluxo de migrantes de origem rural em direção à capital do Estado. Mas, paradoxalmente, Salvador vem absorvendo apenas parte do êxodo rural baiano. Parcela importante dele tem se desviado para sua periferia imediata (Camaçari, Lauro de Freitas) e para as novas regiões de fronteira agrícola (Extremo Sul, Oeste e Baixo Médio São Francisco); nestas, o fluxo tem se concentrado em um certo número de médias cidades (principalmente Juazeiro, Barreiras e Teixeira de Freitas). Ao mesmo tempo, a emigração baiana líquida para outros Estados parece perdurar, como sinaliza a diferença entre a taxa de crescimento demográfico da Bahia no período 1991-2000 (1,07% ao ano) e a taxa média brasileira (1,63%).

Aparentemente, a imigração vai deixando de ser um processo maior para a economia de Salvador.[4] É razoável supor que, do ponto de vista da demografia econômica, o poder de atração da capital já tenha atingido um máximo. Ele começa a ser dividido com outros centros urbanos e, especialmente com aqueles localizados nas áreas da fronteira econômica e geográfica da Bahia.

Ora, isso coloca novos desafios para Salvador. Ainda que a posição de pólo da capital seja fortalecida pela inexistência de uma rede de cidades de tamanho intermediário no Estado, seus laços com o interior podem se enfraquecer caso os pólos de fronteira se articulem com centros e regiões localizados em outras unidades da federação: Juazeiro e Petrolina, Barreiras e Brasília, Porto Seguro e Belo Horizonte ou Rio de Janeiro, por exemplo. Com a relativa perda de importância dos vínculos sociais estabelecidos entre interior e capital pelo êxodo rural, cresce a necessidade da soldagem pela atração de outra natureza. Daí a importância da exportação regional de serviços produzidos em Salvador, o que implica modernização e internacionalização do aeroporto de Salvador, apoio à expansão do número de universidades de excelência na capital e à consolidação de um moderno *cluster* de saúde soteropolitano, investimento em marketing destinado à atração do turismo de compras estadual e outras ações. Trata-se de substituir em parte os laços econômicos derivados da imigração pelo reforço do tradicional movimento de ir e vir de consumidores de bens e serviços, que residem no interior, mas realizam parte de sua demanda na capital.

[4] Dados da PED – Pesquisa Emprego e Desemprego para Salvador confirmam essa tese. A proporção de imigrantes habitando a capital da Bahia há menos de três anos e integrando a sua PEA tem se reduzido. Ver sobre este ponto, Almeida e Azevedo (1999b).

Ainda que estes laços de Salvador com as diversas regiões do Estado da Bahia precisem ser conservados, é indispensável ressaltar que, hoje, para uma metrópole, o desenvolvimento das relações econômicas e culturais com outras grandes cidades se torna mais importante que a preservação dos vínculos tradicionais que existem entre ela e sua própria região de influência direta – o "interior".

De fato, deve-se levar em conta, primeiramente, a mudança qualitativa das ligações tradicionais de Salvador com seu antigo *hinterland* imediato - o Recôncavo Baiano. Este primeiro movimento se conclui nos anos 1950 e 1960, quando a industrialização nacional, o CIA, o desenvolvimento do transporte rodoviário e a exploração do petróleo na Bahia, acabam de deslocar a antiga economia agro-exportadora polarizada pelo porto e pelo comércio de importação e exportação localizado entre os bairros do Comércio e da Calçada. A decadência do açúcar e do fumo é também o declínio - emblemático - do saveiro e das feiras que faziam da capital um duplo mercado, de demanda e oferta, para o entorno da Baía de Todos os Santos.

Ocorre, ao mesmo tempo, uma mudança na qualidade dos laços com o "sertão". A redução do peso econômico das atividades agropecuárias, que hoje representam apenas 10 a 12% do PIB estadual, é um primeiro fator a enfraquecer as relações entre a capital e as regiões mais distantes do Estado. Além disso, o desenvolvimento de uma malha rodoviária nacional, o fortalecimento relativo do governo federal e o poder de atração de metrópoles situadas em outros estados, contribuem para reforçar, como se acabou de dizer, as forças centrífugas que se exercem, principalmente, nas regiões de fronteira (Oeste, São Francisco, Sul e Extremo-sul, Sudoeste).

Há, finalmente, o significado da industrialização e da terciarização contemporâneas na Bahia. Como se sabe, a indústria baiana se desenvolve até os anos 1990 com base em políticas nacionais de "desconcentração industrial". Tais políticas criaram uma indústria produtora de bens intermediários, concentrada na RMS, porém mais que dependente dos capitais e dos mercados do centro-sul do país e/ou externos. Fortes laços econômicos se desenvolveram a partir daí com outras grandes cidades e particularmente com São Paulo. A implantação de grandes firmas de origem nacional ou estrangeira, a modernização, desnacionalização e expansão de empresas locais em vários setores (e.g. comércio varejista, construção civil, telecomunicações) reforçaram e aprofundaram os vínculos com outras metrópoles. O desenvolvimento do turismo internacional e nacional, com Salvador se consolidando não apenas como pólo receptivo, mas também como emissor, completou este novo quadro.

## Serviços estratégicos segundo a distribuição setorial da ocupação

As novas características da terciarização da Região Metropolitana de Salvador se tornam nítidas quando são examinados os dados da PED (Pesquisa Emprego e Desemprego). A Tabela 1 desagrega os dados relativos à ocupação na economia da RMS em nível

de subsetores ou segmentos, comparando a amostra PED de 1987-1988 com uma amostra 2000-2002. Ela inclui todos os ocupados residentes em Salvador, o que implica considerar os soteropolitanos que trabalham em outros municípios da RMS.

Tabela 1
Ocupação por subsetor dos residentes

| Setores e subsetores | 1987-1988 | 2000-2002 | Variação (%) |
|---|---|---|---|
| **Pesca e Agricultura** | **0,8** | **0,6** | (30,6) |
| **Indústria de transformação** | **10,9** | **7,6** | (29,8) |
| Metalúrgica, mecânica, elétrica, transporte | 2,0 | 1,0 | (49,1) |
| Complexo química e petroquímica* | 3,0 | 2,1 | (29,3) |
| Têxtil, vestuário e calçados | 1,1 | 0,9 | (15,5) |
| Alimentos | 1,4 | 1,4 | (2,1) |
| Mobiliário e outros produtos de madeira | 0,6 | 0,5 | (17,7) |
| Gráfica | 0,6 | 0,6 | (6,3) |
| Materiais de construção | 0,7 | 0,2 | (65,0) |
| Artesanato | 0,3 | 0,4 | 41,4 |
| Outras indústrias de transformação | 1,2 | 0,5 | (59,7) |
| **Construção civil** | **7,2** | **5,0** | (30,4) |
| **Comércio de mercadorias** | **18,9** | **16,9** | (10,5) |
| **Serviços** | **61,0** | **69,5** | 14,0 |
| Transporte e armazenagem | 4,3 | 4,1 | (4,7) |
| Serviços de utilidade pública | 1,9 | 1,1 | (40,8) |
| Adm. pública, polícia e Forças Armadas | 8,1 | 7,6 | (6,3) |
| Serviços creditícios e financeiros | 2,6 | 2,0 | (21,4) |
| Serviços pessoais | 5,9 | 2,1 | (64,1) |
| **Serviços de alimentação (rua e loja)** | **5,4** | **6,6** | 22,1 |
| Serviços de alimentação (loja) | nd | 5,8 | |
| Serviços de alimentação (rua - ambulante) | nd | 0,8 | |
| **Educação** | **6,0** | **7,2** | 20,6 |
| **Saúde** | **3,9** | **5,3** | 36,6 |
| Serviços domésticos | 9,7 | 10,9 | 12,1 |
| **Serviços de comunicação e diversão**** | **1,1** | **2,9** | 160,5 |
| **Serviços comunitários** | **1,0** | **1,8** | 78,7 |
| **Administração e comércio de imóveis** | **0,3** | **1,8** | 502,2 |
| **Serviços Especializados e Auxiliares** | **4,0** | **8,1** | 102,5 |
| Oficinas de reparação mecânica | 2,0 | 1,7 | (14,0) |
| **Outros serviços de reparação** | **1,9** | **2,6** | 37,8 |
| Serviços de limpeza, vigilância e oficinas | nd | 1,4 | |
| Outros serviços | 2,9 | 1,5 | (50,0) |
| Hotéis, pensões e alojamentos | nd | 0,8 | |
| Outras Atividades | 1,1 | 0,3 | (68,6) |
| Total | 100,0 | 100,0 | |

*Inclui plásticos, farmacêutica e artefatos de borracha
** Inclui rádio e teledifusão e entidades carnavalescas
nd= não disponível
FONTE: PED

Considere-se como "segmento dinâmico" aquele que aumenta sua participação na ocupação total, porque cresce mais rapidamente – em termos de postos de trabalho – do que o conjunto da economia de Salvador.

Segundo esse critério, não existe, propriamente, um segmento industrial dinâmico em Salvador. Contudo, existem subsetores industriais que têm mantido, ou quase mantido, sua participação na ocupação, o que indica que é possível em alguns casos expandir com sucesso o emprego na indústria. Esses subsetores são constituídos, principalmente, por médias, pequenas e microempresas, e ainda por trabalhadores autônomos ou por conta própria (ALMEIDA, 2002). Note-se que eles são quase todos do tipo de indústria relacionados à economia da urbanização, majoritariamente voltada para o mercado local: alimentos, mobiliário e outros produtos de madeira, editorial e gráfica, artesanato.

O exame dos subsetores industriais isoladamente permite confirmar ainda a importância de dois outros segmentos que não têm conhecido muito dinamismo em termos de emprego, mas que ainda ocupam frações significativas da mão-de-obra da indústria de transformação da RMS. São eles: química e petroquímica e confecções.

Resta confirmar o impacto que terá a atração de investimentos *footloose* e, particularmente, o Complexo da Ford em Camaçari sobre a ocupação dos soteropolitanos. Estimativas recentes previam a criação imediata de cerca de 3.600 empregos diretos no conjunto montadora/fornecedores e de 5.500 em 2006. Confirmados estes empregos diretos a serem criados pelo projeto Amazon, isso implicaria aumentar em mais de 35% a ocupação no grupo das indústrias "metalúrgica, mecânica, elétrica e de material de transporte" – em retração até 2001. As mesmas projeções apontavam para a geração de 60.300 empregos indiretos, quando se consideravam os efeitos multiplicadores totais, inclusive o efeito-renda (ALBAN, 2000).

No entanto, como demonstraram pesquisas recentes do BNDES, a nova indústria automobilística não tem o poder estruturante nem o impacto multiplicador da indústria automobilística do passado. É possível que as estimativas de Alban – ainda que este pesquisador tenha se baseado no modelo do BNDES para geração de emprego – sejam demasiadamente otimistas.[5]

De qualquer modo, o objetivo deste artigo é apontar os segmentos estratégicos na atividade econômica de Salvador. O complexo da Ford e as novas indústrias atraídas por incentivos fiscais se localizam, na maior parte dos casos, em outros municípios da RMS. Para a economia da capital, estes novos e muito importantes investimentos industriais significam principalmente novas ocupações em serviços.

Na RMS, como nas outras regiões metropolitanas brasileiras, a construção civil não

[5] A abertura de um terceiro turno de trabalho na FORD no início de 2004 parece confirmar, no entanto, as estimativas otimistas. Sobre o modelo do BNDES ver artigo "Serviços Estratégicos para o Desenvolvimento" nesta publicação.

tem apresentado grande dinamismo. Os dados da PED mostram uma redução da importância relativa da construção civil para a geração de empregos: entre os soteropolitanos, o peso da construção caiu de 7,2% dos postos de trabalho em 1987-88 para 5% em 2000-02.

Quatro fatores explicam o limitado dinamismo da construção civil em Salvador e em sua região metropolitana. Primeiro, a redução do investimento público no seu segmento pesado, que nos anos 1990 se restringiu, em Salvador, basicamente ao programa de saneamento Bahia Azul, à implantação de algumas avenidas, à reforma do aeroporto e a um tímido início das obras do metrô. Segundo, a crise ainda não superada do Sistema Financeiro de Habitação. A permanência de altas taxas de juros e a escassez de financiamentos têm mantido a construção civil residencial na dependência das obras em regime de condomínio, autofinanciadas. Terceiro, o lento, porém contínuo, avanço das novas tecnologias poupadoras de mão-de-obra, com o uso do gesso, de estruturas metálicas, novos tipos de revestimento, etc. Quarto, a transformação do setor em um segmento marcado pelo trabalho autônomo e pelas microempresas – a "construção-formiga". Em Salvador, cerca de 40% dos ocupados no ramo são autônomos, trabalhando em 46,7% dos casos sozinhos ou em empresas de menos de 9 empregados. Além disso, quase 60% do trabalho na construção civil da RMS é informal (ALMEIDA, 2002).

Na capital da Bahia, o comércio de mercadorias é outro setor marcado pela informalidade (cerca de 50% da mão-de-obra segundo a PED), pela presença do trabalho autônomo e das microempresas (idem, idem). Para os que residem na capital, a PED revela uma clara tendência ao declínio da participação relativa do comércio na ocupação da força de trabalho, com uma queda de 18,9% para 16,9%, entre 1987-88 e 2000-02.

O peso do comércio na ocupação total deve continuar declinando em Salvador. Há, de um lado, a expansão do micro comércio, subproduto das altas taxas de desemprego e das mudanças no estilo de vida das classes médias, que provocam uma revalorização do pequeno varejo de bairro. Mas existem, de outro, três movimentos de maior amplitude, que tendem a eliminar parte dos postos de trabalho nas atividades comerciais. Primeiro, a tendência à concentração do capital comercial, com grandes grupos (especialmente cadeias de supermercados e redes de franquia) avançando sobre o espaço de pequenas e médias empresas independentes. Isso implica ganhos de escala e economias de escopo que levam a uma maior produtividade do trabalho. Segundo, o incremento da intensidade de capital com o uso de novas tecnologias: intercâmbio eletrônico de dados (EDI), resposta eficiente ao consumidor (ECR), difusão do auto-serviço, etc. Finalmente, as possibilidades abertas pelo comércio eletrônico para as relações sem intermediação entre fabricantes e consumidores (*marketing* direto), como já é o caso da venda de microcomputadores, CDs e livros pela Internet.

Do ponto de vista da criação de postos de trabalho, só existem segmentos realmente dinâmicos na economia de Salvador nos serviços. Mas nem todos os segmentos do terciário soteropolitano têm se expandido aceleradamente. Alguns têm até mesmo perdi-

do importância relativa.

É o caso, em primeiro lugar, da administração pública. A PED aponta para um movimento de lento declínio em Salvador, com a ocupação no setor público diminuindo de 8,1% para 7,6% no período considerado. Isso se deve, provavelmente, às crescentes restrições para contratação pelos governos estaduais e municipais, em razão da crise financeira do Estado e de uma nova legislação de controle do gasto público com funcionários – mais recentemente, a Lei de Responsabilidade Fiscal. Duas outras conseqüências dessas restrições são o incremento do trabalho terceirizado e o crescente emprego de estagiários no Estado (ALMEIDA, 2002; ALMEIDA ; AZEVEDO, 1999b).[6]

Os segmentos de serviços que conheceram acelerada inovação tecnológica e/ou processos de privatização importantes também se caracterizam pela limitada criação de postos de trabalho. São os casos dos serviços de transporte e armazenagem, serviços de utilidade pública, serviços creditícios e financeiros, reparação mecânica e mesmo dos serviços pessoais.

Se a inovação tecnológica – inclusive organizacional – é facilmente reconhecida nos três primeiros grupos de atividades, ela é menos percebida nos dois últimos. Isso tem surpreendido muitos pesquisadores, que estavam habituados a interpretar a terciarização como um reflexo do crescimento da oferta de oficinas de automóveis, barbearias e salões de beleza (a higiene pessoal é a principal atividade nos "serviços pessoais"). Contudo, tanto os microdados da PNAD, quanto os dados da PED, têm comprovado a modernização nestes setores. No caso das oficinas de reparação mecânica, é necessário levar em conta o fato de que as técnicas de reparo estão se tornando mais intensivas em capital por força da mudança do próprio produto: mais eletrônica embarcada nos automóveis, pára-choques em material plástico, peças descartáveis etc. Ademais, na medida em que a tecnologia avança, os automóveis tendem a apresentar menos defeitos. No caso dos serviços de higiene pessoal, duas explicações podem ser adiantadas: (a) progresso técnico e organizacional, com a concentração deste tipo de serviço em estabelecimentos modernos, que operam com maior produtividade e se multiplicam em redes de lojas, em shopping centers; (b) incremento do auto-serviço na higiene pessoal, devido ao encarecimento relativo destes serviços, surgimento de novos produtos que estimulam o "faça-você-mesmo" e, conseqüentemente, mudanças nos hábitos de consumo. São processos que já ocorreram em países desenvolvidos, provocando rápido desemprego em segmentos dos "serviços de higiene e beleza", e que agora se desenvolvem no Brasil.[7]

Os segmentos de serviços mais dinâmicos da economia de Salvador estão relacionados a seguir. Os dados relativos à distribuição das ocupações em cada setor foram retirados

---

[6] O incremento da contratação de estagiários no conjunto da economia soteropolitana é mostrado nas tabelas 42 e 43. Sobre o aumento da presença de estagiários nos órgãos governamentais de Salvador, ver o **Perfil sócio-econômico do trabalhador informal de Salvador, op. cit.**

[7] Ver, por exemplo, LESSA, Ricardo. Corte de cabelo em ritmo industrial. *Gazeta Mercantil*, 28/29/30 de abril e 01 de maio de 2000, p. C-8.

também de Almeida (2002) e se referem à amostra da PED para 2001.

- *Administração e comércio de imóveis*. Uma análise mais fina revela que se trata aqui, sobretudo, do incremento de atividades típicas de condomínio: ascensoristas, porteiros e zeladores, somam 44,2% das ocupações; guardas e vigias particulares, 12,3%; trabalhadores de limpeza, 11,4%. Além dessas, são significativas as ocupações de corretores no comércio de imóveis (9,7%) e administradores e gerentes de serviços (3,8%). O incremento do número de ocupados nesta categoria de serviços está associado não apenas ao aumento da população e do mercado imobiliário, mas também às mudanças nas formas de habitar. As casas estão sendo substituídas por condomínios verticais ou horizontais, o que aumenta a demanda por serviços de segurança, limpeza e atividades afins.
- *Serviços de comunicação e diversão*. Infelizmente, a PED mistura aqui atividades que têm pouco ou nada em comum. De um lado, trata-se de serviços de telecomunicação que conhecem crescimento acelerado, o qual reflete inclusive a nova política de atração de call centers. Ocupações com presença significativa neste bloco são telefonistas e vendedores de telemarketing (9,5%), administradores e gerentes em serviços (6,4%), atendentes (4,8%), técnicos em eletrônica, instaladores e reparadores de equipamentos eletrônicos (7%). Trata-se, de outro lado, de atividades de entretenimento: cantores, músicos e compositores se destacam neste grupo, com 9,7% das ocupações do ramo.
- *Serviços especializados e auxiliares*. Neste caso, o leque de ocupações se apresenta bem aberto, porque se trata, com freqüência, de serviços superiores, com maior grau de qualificação e divisão social do trabalho. Algumas das ocupações mais comuns são: advogados e auditores fiscais (9,5%), administradores e gerentes (6,1%), técnicos em contabilidade ou estatística (6%), escriturários e auxiliares de administração (8,1%), operadores de computadores e desenhistas de computação gráfica (5,1%), caixas e auxiliares de contabilidade (4,3%), secretárias (3,7%), engenheiros e arquitetos (3,7%), contadores e auditores contábeis (3%). Some-se ainda, nos serviços auxiliares propriamente ditos, uma constelação de ocupações relacionadas ao trabalho em escritórios de serviços e firmas comerciais: administradores e gerentes (8,1%), representantes comerciais (8,1%), auxiliares de administração e escriturários (7,2%), corretores de seguros e títulos de valores (6,3%), atendentes (4,6%), motoristas (3,5%) e outras.

  *Vale a pena destacar a expansão deste ramo em Salvador: de 4,0% da ocupação total, em 1987-88, para 8,1%, em 2000-02*. Este crescimento é em parte fruto da terceirização e, em parte, resultado da maior demanda por novos serviços de contabilidade, consultoria, assistência jurídica, informática e outras áreas. A expansão dos serviços auxiliares e, notadamente, dos serviços especializados, sinaliza para o papel cada vez mais importante dos serviços prestados às empresas, de consumo intermediário, em Salvador.

- *Serviços comunitários*. Esta categoria agrupa organizações diversas, entre as quais instituições religiosas, creches e associações. As ocupações que predominam no segmento são professores de ensino pré-escolar (5%), religiosos (4,7%), auxiliares administrativos e de escritório (7,1%), trabalhadores de limpeza (5,1%), secretárias (4,5%).
- *Outros serviços de reparação*. Este ramo reúne basicamente dois grupos de atividades. Primeiro, trabalho com vestuário – alfaiates e costureiras somam 28,8% das ocupações. Segundo, oficinas e serviços de reparação elétrica e eletrônica. Neste caso, as ocupações predominantes são eletricistas (17,8%) e técnicos em mecânica, em eletrônica e eletrotécnicos (6,5%). Tapeceiros, tecelões, capoteiros e estofadores perfazem ainda 6,3% do total.
- *Saúde*. Ramo com crescimento acelerado, tanto em *output* quanto em emprego, em razão do envelhecimento relativo e absoluto da população de Salvador, bem como do aumento da renda per capita local. Serviços públicos e privados de saúde ocupavam 3,9% dos residentes em Salvador em 1987-88 e 5,3% em 2000-02. As ocupações mais presentes no segmento são enfermeiros não diplomados (14,2%), médicos (11,7%), técnicos em enfermagem, laboratórios e equipamentos de saúde (7,8%), recepcionistas (6,9%), trabalhadores em limpeza (6,6%), atendentes (6,1%), enfermeiros diplomados e instrumentadores cirúrgicos (5,4%) e dentistas (4,2%).
- *Educação*. Entre os residentes, este ramo passou de 6,0% da ocupação total, em 1987-88, para 7,2%, em 2000-02. Ainda assim, a PED subestima o peso total do segmento, haja vista que aloca ocupações como "professor de formação profissional" e "professor de ensino pré-escolar" em categorias como "outros serviços" e "serviços comunitários". As ocupações mais freqüentes no ramo são, de qualquer modo, as seguintes: professores de primeiro grau (26,3%), professores de segundo grau (10,2%), professores de banca (7,3%), professores de terceiro grau (4,0%), professores de pré-escolar (4,3%), auxiliares de ensino (2,8%), diretores de escola, inspetores e orientadores de ensino (6,9%), assistentes administrativos (6,3%) e trabalhadores de limpeza (7,4%).
- *Serviços de alimentação*. Ramo mais que importante, concentra 6,6% da ocupação dos soteropolitanos. A maioria dos postos de trabalho estão em estabelecimentos (bares, lanchonetes e restaurantes), que respondem por 6% da oferta de trabalho na cidade. As ocupações típicas são atendentes e garçons (45,1%), cozinheiros (27,9%), auxiliares de cozinha (4,8%), administradores e gerentes (6,1%), caixas (2,0%). Nos serviços de alimentação na rua, são mais freqüentes os vendedores ambulantes (55,8%), as baianas de acarajé (27,2%) e os cozinheiros (8,2%). O ramo se expande menos em função do turismo do que em razão das mudanças no estilo de vida (refeições fora da residência).
- *Serviços de limpeza, vigilância e oficinas* (exclusive reparação). Este segmento se divide em dois grandes blocos de atividades: limpeza de roupas (41,2% das ocupações registradas são de lavadeiras e passadeiras) e serviços terceirizados de limpeza

e vigilância de imóveis. As ocupações mais presentes neste segundo bloco são: guardas e vigias particulares (17,9%), trabalhadores de limpeza (10,6%), trabalhadores braçais (7,3%), administradores e gerentes de serviços (3,5%).

- *Hotéis, pensões e alojamentos*. Este segmento ocupa bem menos do que anuncia o *lobby* do turismo local – de acordo com a PED, ele oferta menos de 1% da ocupação total dos soteropolitanos. Mas vem se expandindo. A PED não o registrava em 1987-88, passou a se interessar por ele quando da sua retomada em 1996. Além disso, se esta pesquisa registra uma pequena proporção de ocupados na hotelaria, é bem provável que a ocupação indireta na *economia do turismo* soteropolitana seja bem mais importante. Serviços com parcela da demanda atrelada ao turismo, como "alimentação" e "comunicação e diversão", registram crescimento expressivo de suas participações na ocupação total em Salvador. No ramo de hospedagem propriamente dito, as ocupações mais relevantes são camareiras (16,7%), recepcionistas (12,3%), administradores e gerentes (8,7%), garçons, *barmen* e copeiros (8,0%), trabalhadores de limpeza (8,0%) e cozinheiros (7,2%).
- *Serviços domésticos*. Entre os residentes que trabalham em Salvador, a PED revela uma proporção de 11,9% de ocupados nesta categoria. É o maior grupo de ocupados na estrutura econômica da cidade, formado por empregadas domésticas, babás, faxineiros, caseiros, lavadeiras e passadeiras, na esmagadora maioria dos casos, trabalhadores informais. A proporção verificada em Salvador não é muito diferente da encontrada em outras metrópoles do país (em torno de 10%). Ainda que certas ocupações deste grupo estejam em declínio (e.g. lavadeiras), outras têm grande futuro, como demonstrado pela sua crescente presença nas economias de países desenvolvidos: *baby-sitters*, atendimento de idosos em domicílio e outras. Não se trata, portanto, de sugerir a eliminação dos serviços domésticos, mas a formação de um novo empregado doméstico, mais qualificado, formalizado e melhor remunerado.

## A Economia de Salvador pela ótica do produto

Pode-se antecipar as críticas dos partidários de uma visão inteiramente "industrialista" do desenvolvimento metropolitano contemporâneo, avançando que a análise da terciarização das metrópoles exclusivamente do ponto de vista da distribuição intersetorial da força de trabalho implica riscos. O perigo mais importante é a subestimação do crescimento (em relação à distribuição do valor agregado) dos setores e dos segmentos que já são intensivos em capital, ou que estão passando a sê-lo em razão da atual revolução tecnológica.

Todavia, é necessário lembrar que em alguns dos setores mais dinâmicos das economias metropolitanas de hoje – serviços especializados e saúde, por exemplo – a expansão do valor agregado continua a se fazer com o emprego crescente de força de trabalho, apesar da introdução de novas tecnologias, ou mesmo por causa das inovações. Além disso – e o que é mais relevante – existem dados e estimativas que comprovam que alguns

dos segmentos de serviços que reduzem sua presença na ocupação total têm, apesar disso, aumentado sua participação na formação do PIB das metrópoles. A terciarização das economias metropolitanas é real também do ponto de vista do valor agregado e do produto.

Da Cruz e Menezes (2000) calculam que, em 1998, 82% do PIB de Salvador era gerado por atividades "terciárias", sendo o comércio responsável por cerca de 12% e os serviços, em sentido estrito, por 70% (Tabela 2). Os mesmos autores estimam ainda que, em Salvador, o crescimento do peso dos serviços no produto local ocorre, principalmente, em quatro segmentos: (a) hotelaria e serviços de alimentação; (b) transporte, armazenagem e comunicações; (c) serviços financeiros, e (d) serviços empresariais - vale dizer, neste último caso, serviços prestados às empresas, de consumo intermediário.

Tabela 2
Evolução da estrutura setorial do PIB de Salvador - 1986-1998

| Setores e ramos | 1986 | 1998 | Var. (%) |
|---|---|---|---|
| Agricultura e pesca | 5,9 | 0,9 | -84,7 |
| Indústrias extrativas | 0,1 | 0,0 | -100,0 |
| Indústrias manufatureiras | 3,6 | 2,8 | -22,2 |
| Construção civil | 19,8 | 14,1 | -28,8 |
| Comércio | 16,2 | 12,1 | -25,3 |
| Serviços de utilidade pública | 7,6 | 5,5 | -27,6 |
| **Hotelaria e serviços de alimentação** | **1,8** | **2,9** | 61,1 |
| **Transporte, armazenagem e comunicações** | **6,5** | **10,3** | 58,5 |
| **Serviços financeiros** | **6,1** | **11,5** | 88,5 |
| Aluguel de imóveis | 9,7 | 10,6 | 9,3 |
| **Serviços empresariais** | **4,1** | **5,6** | 36,6 |
| Administração pública | 15,2 | 14,9 | -2,0 |
| **Outros serviços** | **3,4** | **8,6** | 152,9 |
| Total indústrias e construção civil | 23,5 | 16,9 | -28,1 |
| Total comércio e serviços | 70,6 | 82,0 | 16,1 |
| Total geral | 100,0 | 99,8 | |

Fonte: Da Cruz e Menezes, 2000

A visão econômica predominante na administração pública estadual privilegia o investimento e a produção industrial como fatores de alavancagem do PIB. De fato, é indiscutível o papel dos novos investimentos industriais para o incremento do produto na RMS. Somente o Complexo Amazon da Ford e seus desdobramentos devem implicar um impac-

to equivalente a qualquer coisa entre 5 a 13% do PIB baiano por volta de 2006 (ALBAN, 2000). No entanto, como mostra o estudo de Da Cruz e Menezes, especificamente para Salvador, são fundamentais os investimentos e a expansão do produto em dois grandes grupos de serviços: turismo e serviços prestados às empresas (inclusive logística e serviços financeiros).

Para além do produto em sentido mais estrito (PIB), a dinâmica de uma economia metropolitana como a de Salvador só pode ser realmente compreendida do ponto de vista do valor quando se leva em consideração as relações que se estabelecem entre certos serviços e os estoques de ativos locais – reais e financeiros. As empresas e as ocupações relacionadas ao comércio de imóveis se expandem com a valorização dos ativos imobiliários; ao mesmo tempo, a ação das incorporadoras agrega valor a estes ativos. O crescimento dos serviços financeiros permite o incremento do volume de estoques de mercadorias (crédito para capital de giro), bens de capital (leasing) e ativos mobiliários. A expansão dos serviços de crédito ao consumidor asseguram o acúmulo de ativos sob a forma de bens de consumo duráveis, inclusive a expansão de um mercado fundamental para a vida econômica da cidade: o de automóveis usados. Por sua vez, a acumulação de garantias sob a forma de ativos tangíveis e intangíveis (marcas, licenças etc.), é uma das condições fundamentais para o incremento da oferta de crédito local.

Este artigo tentou, apesar das dificuldades, mostrar a crescente importância dos "serviços estratégicos" para a economia da Região Metropolitana de Salvador. Para isso, partiu de uma determinada caracterização de atividades terciárias "estratégicas", baseada em três pontos: (a) volume de ocupação gerado e taxas de expansão deste; (b) participação no PIB local e (c) presença de mão-de-obra qualificada.

As informações relacionadas a partir da Pesquisa Emprego e Desemprego (PED) e de uma das poucas estimativas existentes sobre a distribuição por ramo do PIB soteropolitano (DA CRUZ; MENEZES, realizada para o último Plano Diretor de Salvador), permitiram destacar alguns setores-chave para uma economia que transita para uma nova estrutura.

Do ponto de vista da participação no PIB local, tais setores são: (1) serviços financeiros; (2) transporte, armazenagem e comunicações; (3) serviços empresariais (*business services*) e (4) hotelaria e serviços de alimentação (que junto com o segundo grupo estão mais que relacionados ao turismo).

Levando-se em conta o volume de ocupação e o dinamismo na geração de postos de trabalho, tais setores são: (1) serviços especializados e auxiliares (*business services*); (2) educação; (3) serviços de alimentação (em estabelecimentos fixos); (4) saúde; (5) serviços de comunicação e diversão; (6) outros serviços de reparação; (7) serviços imobiliários e (8) serviços comunitários.

O papel mais que relevante em Salvador dos serviços empresariais, financeiros e de telecomunicações, bem como do turismo e de serviços sociais baseados em conhecimento

(saúde, educação), confirmam que a emergência de "serviços estratégicos" no coração econômico das grandes cidades é um fenômeno que pode ser constatado também na principal metrópole nordestina.

## Referências

ALBAN, Marcus (Coord.); SOUZA, Celina; FERRO, José R. *O Projeto Amazon e seus impactos na RMS*. Salvador: SEPLANTEC/SPE, nov. 2000.

ALBUQUERQUE, Rodrigo Cavalcanti de. *Fundamentos de uma estratégia de desenvolvimento do Nordeste.* Rio de Janeiro: BNDES, set. 2002. Disponível em: < http://www.inae.org.br/publi/ep/EP0040.pdf.>. Acesso em: 10 dez. 2003.

ALMEIDA, Paulo Henrique de. *Salvador 2002* – esboço de uma nova política de desenvolvimento. Salvador: UFBA/PMS, mar. 2002. Fotocopiado.

ALMEIDA, Paulo H.; AZEVEDO, José S. G. *Salvador Dinâmica* – a economia soteropolitana pela ótica da ocupação. Relatório de Pesquisa. Salvador: UFBA/PMS-SEPLAM, 1999a. Fotocopiado.

ALMEIDA, Paulo H.; AZEVEDO, José S. G. *Perfil sócio-econômico do trabalhador informal de Salvador*. Relatório de Pesquisa. Salvador: FCE-UFBA/PMS-SEPLAM, 1999b. Fotocopiado.

ANDRADE, Thompson A.; SERRA, Rodrigo V. *Estimativas para o Produto Interno Bruto dos Municípios Brasileiros:* 1975, 1980, 1985 e 1996. Brasília: IPEA, 1999. Disponível em: <http://www.nemesis.org.br/docs/thomp5.pdf.>. Acesso em: 12 dez. 2003.

ARBIX, Glauco. *Desamparo Institucional e Despreparo Governamental na Guerra fiscal Brasileira*. SEMINÁRIO INTERNACIONAL DA USP, 2º, São Paulo. Brasil, México, África do Sul, Índia e China: Estratégias de Integração e Desenvolvimento, 27 e 28 ago. 2001.

DA CRUZ, Rossine Cerqueira (Coord.); MENEZES, Sérgio. *Cenários sócio-econômicos para a cidade de Salvador*. Feira de Santana: UEFS; Salvador: PMS/SEPLAM, 2000. Fotocopiado.

DINIZ, Marcelo B.; ARRAES, Ronaldo A. *Trajetória recente da desigualdade de renda nas regiões metropolitanas do Brasil.* Brasília. In: CONGRESSO DE BRASILEIRO DE ECONOMIA, 15., Cofecon, 2003. Disponível em: <http://www.unioeste.br/cursos/cascavel /economia/xv_cbe/010.pdf.>. Acesso em: 01 fev. 2004.

LEMOS, Mauro B. ; DINIZ, Clélio C.. Vantagens Comparativas da Área Metropolitana de Belo Horizonte no Contexto Nacional. Fortaleza, *Revista Econômica do Nordeste*, v. 31, n. Especial, p. 530-549, nov. 2000.

METRÓPOLE ESTRATÉGICA. *Estratégia de desenvolvimento da região metropolitana do Recife – 2003/2015.* Recife, ago. 2002. Disponível em: <http://www.citiesalliance.org/cdsdb.nsf/Attachments/Brazil+recife+1/$File/VERSAOFINALESTRATEGIAPARTE1929+.pdf>

NAJBERG, Sheila; IKEDA, Marcelo. *Modelo de geração de emprego*: metodologia e resultados. Rio de Janeiro: BNDES, 1999. (Textos para Discussão n. 72).

_____. Setores intensivos em mão-de-obra: uma atualização do Modelo de Geração de Emprego do BNDES. In: *Informe-se,* n. 31, Rio de Janeiro, nov. 2001.

VERGOLINO, José Raimundo. *Base de dados econômico-sociais do Nordeste*, 1970-2000. Brasília: IPEA, 2001[?].